

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA PAULA MANDU

**O PERFIL DO ESTUDANTE QUE OPTA PELA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL:  
O CASO DO SENAI NO PARANÁ (2015)**

CURITIBA

2016

ANA PAULA MANDU

**O PERFIL DO ESTUDANTE QUE OPTA PELA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL:  
O CASO DO SENAI NO PARANÁ (2015)**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Rangel de Meireles Guimarães.

CURITIBA

2016

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**ANA PAULA MANDU**

## **EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora:        Profa. Dra. Raquel Rangel de Meireles Guimarães  
Departamento de Economia, UFPR.

Prof. Dra. Denise Maria Maia  
Departamento de Economia, UFPR.

Prof. Ma. Dayane Rocha de Pauli  
Departamento de Economia, UFPR.

Curitiba, 5 de julho de 2016.

Dedico este trabalho a minha mãe, Eliane, por  
tornar este, e muitos outros sonhos, possíveis.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço minha amável orientadora, que com excelência profissional, paciência e fôlego, corrigiu cada linha deste texto.

Muito obrigada à diretoria regional do Senai/PR, por acreditar na ideia. E um agradecimento especial às gerências de operações e de educação profissional e tecnológica, que gentilmente cederam a sua valiosa e inspiradora base de dados, sem a qual não seria possível o desenvolvimento deste trabalho.

À equipe de planejamento da área de marketing do Sistema Federação das Indústrias do Estado do Paraná, especialmente a Luciano Porto, agradeço a imensa contribuição pelos conhecimentos compartilhados.

A Deus, obrigada pela minha animada família, sempre presente e agitada, e por colocar no meu caminho um amor para a vida inteira, generoso e companheiro.

"Os que se encantam com a prática sem a ciência são como os timoneiros que entram no navio sem timão nem bússola, nunca tendo certeza do seu destino".

*Leonardo da Vinci*

## RESUMO

A educação profissional tem sido preconizada como uma importante ferramenta de desenvolvimento econômico pela sua capacidade de contribuir para a formação de uma mão de obra qualificada, com impacto direto na competitividade das empresas e no desenvolvimento de comunidades. A partir dessa constatação, os organismos internacionais e os governos locais têm buscado desenvolver políticas que estimulem o crescimento do ensino profissionalizante, tal como o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) no caso brasileiro. Contudo, para o desenho de políticas que incentivem o crescimento do ensino voltado para o mercado de trabalho, é importante, num primeiro momento, caracterizar o perfil da demanda por esse tipo de ensino. Sendo assim, o objetivo dessa monografia é caracterizar o perfil de estudantes que optam pelo ensino profissional com base em um estudo de caso dos alunos de cursos técnicos do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial no Paraná (Senai/PR) no ano de 2015. Foram investigadas suas características socioeconômicas (sexo, idade, classe social, escolaridade e situação ocupacional), bem como as expectativas e motivações que os fizeram escolher essa modalidade de ensino. Os resultados revelaram que a principal razão pela qual os estudantes fazem um curso técnico, independente do título do curso que elegeram, diz respeito a melhorar a empregabilidade, seguida pelo latente desejo de rápida colocação e ascensão profissional.

Palavras-chave: Desenvolvimento Econômico. Educação. Educação Profissional.

## **ABSTRACT**

Vocational education and training has been advocated as an important economic development tool because of its ability to contribute to the formation of a labor-skilled workers, with a direct impact on the competitiveness of businesses and on developing communities. From this evidence, international agencies and local governments have sought to develop policies that encourage the growth of vocational education, such as National Program for Access to Technical Education and Employment (Pronatec) in the Brazilian case. However, for the design of policies that encourage the growth of education geared to the labor market, it is important, at first, to characterize the profile of the demand for this type of teaching. Thus, the purpose of this paper is to characterize the profile of students who opt for vocational education based on a case study of students of technical courses of National Service for Industrial Apprenticeship (Senai/PR) in 2015. Their socioeconomic characteristics (sex, age, class social, level of schooling and occupational status), as well as their expectations and motivations that made them choose this type of course were investigated. The results revealed that the main reason why students take a technical course, regardless of the title of the course elected, relates to improving employability, followed by latent desire of fast and professional ascent.

**Keywords:** Economic Development. Education. Vocational Education and Training.



## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - EVOLUÇÃO DAS MATRÍCULAS NOS CURSOS OFERECIDOS PELO Senai/PR - 2005-2015 .....	21
TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES DOS CURSOS TÉCNICOS DO SENAI/PR, POR TIPO DE TURMA E SEGUNDO PERFIL DEMOGRÁFICO - 2015 .....	25
TABELA 3 - DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES DOS CURSOS TÉCNICOS DO SENAI/PR, POR TIPO DE TURMA E SEGUNDO TURNO DO CURSO, FAIXA ETÁRIA E SITUAÇÃO EDUCACIONAL E OCUPACIONAL - 2015 .....	27
TABELA 4 - DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES DE CURSOS TÉCNICOS DO SENAI/PR, POR TIPO DE TURMA E SEGUNDO A SITUAÇÃO OCUPACIONAL - 2015 .....	29
TABELA 5 - DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES DOS CURSOS TÉCNICOS DO SENAI/PR, POR TIPO DE TURMA E SEGUNDO A ESCOLARIDADE DO CHEFE DE FAMÍLIA - 2015 .....	30
TABELA 6 - DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES DOS CURSOS TÉCNICOS DO SENAI/PR, POR TIPO DE TURMA E SEGUNDO O RESPONSÁVEL PELO PAGAMENTO DO CURSO - 2015 .....	30
TABELA 7 - DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES DOS CURSOS TÉCNICOS DO SENAI/PR, POR TIPO DE TURMA E SEGUNDO A ORIGEM ESCOLAR - 2015 .....	31
TABELA 8 - DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES DOS CURSOS TÉCNICOS DO SENAI/PR, POR TIPO DE TURMA E SEGUNDO AS MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DO CURSO - 2015 .....	32

## **LISTA DE SIGLAS**

ABEP	- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
APL	- Arranjos Produtivos Locais
CEDOFOP	- Centro Europeu para o Desenvolvimento da Educação Profissional
CNI	- Confederação Nacional da Indústria
ENEM	- Exame Nacional do Ensino Médio
FGV	- Fundação Getúlio Vargas
INEP	- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INSS	- Instituto Nacional de Serviço Social
MEC	- Ministério da Educação e Cultura
OIT	- Organização Internacional do Trabalho
PRONATEC	- Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
SENAI	- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SENAI/PR	- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial no Paraná
SESI	- Serviço Social da Indústria
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO .....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>ESTRUTURAÇÃO E EVOLUÇÃO DO ENSINO MÉDIO TÉCNICO NO BRASIL .....</b>	<b>18</b>
<b>4</b>	<b>O ENSINO PROFISSIONAL DE NÍVEL MÉDIO DO SENAI/PR .....</b>	<b>20</b>
<b>5</b>	<b>DADOS E MÉTODO .....</b>	<b>23</b>
<b>6</b>	<b>RESULTADOS .....</b>	<b>25</b>
6.1	O PERFIL DO ALUNO: EVIDÊNCIAS QUANTITATIVAS.....	25
6.2	O PERFIL DO ALUNO: EVIDÊNCIAS QUALITATIVAS.....	33
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>35</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A educação profissional é um instrumento relevante para o desenvolvimento econômico. Num contexto de globalização econômica, é necessário que as economias em desenvolvimento preparem uma mão de obra flexível, que se adeque às rápidas mudanças do mundo do trabalho (ADAMS, MIDDLETON, ZIDERMAN, 1991). Além da escolarização tradicional, o ensino profissional torna-se uma área-chave das políticas públicas educacionais de países que atuam em mercados globais, e constitui uma importante ferramenta à disposição do estado para corrigir desigualdades socioeconômicas ao permitir a formação de profissionais em novas áreas do conhecimento e o aumento na renda daqueles que concluem um curso profissionalizante. (RODRIGUES, 2014).

As oportunidades de desenvolvimento econômico que o ensino profissional proporciona têm atraído esforços de governos de diversos países no sentido de expandi-lo, sendo inclusive uma recomendação de política preconizada por órgãos internacionais, como, por exemplo, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Em seu mais recente documento de resoluções, a instituição entende que o ensino profissionalizante promove crescimento econômico porque contribui para a eficácia das organizações, a competitividade das empresas e o desenvolvimento de comunidades. Orientada para o mercado de trabalho, a educação e formação técnica e profissional antecipa e facilita mudanças na natureza e organização do trabalho, abrangendo o surgimento de novas indústrias e profissões, além de avanços científicos e tecnológicos. Através da promoção do espírito empreendedor, apoia o emprego próprio e o crescimento das empresas. (UNESCO, 2015).

Outra organização que dá suporte ao ensino profissional como promotor de desenvolvimento é o Banco Mundial, que investe na área por meio de projetos executados principalmente em países pobres. Para esta instituição, a educação profissional é um componente que pode, por exemplo, aumentar a renda de pessoas que atuam em setores informais, à medida que aos trabalhadores podem ser ensinadas habilidades úteis e produtivas em pouco tempo (CASTRO, 1992). Dentre as políticas que recomenda, o Banco Mundial apoia o ensino profissional pela sua capacidade de formar trabalhadores e técnicos qualificados que melhoraram a qualidade e a eficiência do desenvolvimento de produtos e da produção, além do efeito multiplicador de

habilidades e conhecimentos, já que um trabalhador pode supervisionar e treinar os trabalhadores com habilidades inferiores. (ADAMS, MIDDLETON, ZIDERMAN, 1991).

O Brasil tem buscado acompanhar essa tendência mundial e, nas últimas décadas, vem desenvolvendo políticas públicas que estimulam à formação da população mediante a educação profissional, atendendo aos anseios do mercado para criar um ambiente competitivo à produção de bens e serviços no país. A relevância do tema para a agenda nacional é verificada na primeira edição da Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, lançada em 2008, na qual o governo federal declara que a educação profissional está sendo convocada a "contribuir com a elevação da escolaridade dos trabalhadores em geral". (BRASIL, 2008, p.15).

Dentre as políticas públicas atuais com foco no ensino profissional destaca-se o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), criado em 2011 no âmbito do Ministério da Educação e Cultura (MEC), cujo objetivo é expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos de ensino profissional e tecnológico em todo o Brasil. Outra função do programa é aproximar a educação profissional e tecnológica das políticas de geração de trabalho, emprego e renda. O público-alvo são os jovens, os trabalhadores e os beneficiários dos programas de transferência de renda, tais como o Bolsa-Família e o Seguro Desemprego (BRASIL. Ministério da Educação e Cultura, 2011). De 2011 a 2014, por meio do Pronatec, foram realizadas 8,1 milhões de matrículas em mais de 4.300 municípios brasileiros. Só em 2015 foram 1,3 milhão de matrículas. (MEC, 2016).

Além de iniciativas na esfera governamental, outras organizações brasileiras, como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), têm sido protagonistas na oferta e na disseminação do ensino profissional. Fundado em 1942 pelo decreto-lei 4.048, o Senai é uma entidade de direito privado sem fins lucrativos, organizado por empresários do setor industrial e federações de indústrias dos estados. Seu surgimento aconteceu devido à necessidade de formar profissionais qualificados para a nascente indústria de base da época. Desde sua fundação há 74 anos, a instituição contabiliza cerca de 64,7 milhões de pessoas capacitadas no Brasil. Em 2015 foram mais de 3,4 milhões de matrículas nas diversas modalidades de cursos profissionalizantes que oferece em quase 2.700 municípios brasileiros. (LEMOS, PIRES, 2016).

Apesar de sua relevância para o contexto brasileiro, os estudos econômicos que enfocam o ensino profissional ainda são bastante restritos. De maneira geral, as análises consideram o total das vagas ofertadas por tipo de curso e sua evolução no tempo, como por exemplo, o Censo Escolar da Educação Básica, produzido pelo MEC. São comuns os estudos sob o ponto de vista da oferta da educação profissional. Contudo, poucos estudos analisam o perfil socioeconômico dos estudantes que frequentam esses cursos, numa perspectiva da demanda pelo ensino profissional. Ademais, os motivos pelos quais os estudantes optam por essa modalidade são pouco documentados na literatura.

Tendo em vista essa lacuna, o objetivo deste trabalho é caracterizar o perfil de estudantes que optam pela mais representativa das modalidades de educação profissional: o ensino técnico de nível médio. Os cursos técnicos possuem ampla visibilidade no país e crescente aumento no número de matrículas nos últimos anos. Busca-se então, analisar as motivações e as expectativas de quem escolheu essa modalidade de ensino. A investigação é realizada com base em um estudo de caso dos alunos matriculados em cursos técnicos de nível médio no Senai/PR em 2015, sendo a análise desenvolvida mediante um estudo quantitativo exploratório. A escolha do Senai/PR deve-se à posição estratégica que a organização ocupa em relação ao número de matrículas em cursos profissionalizantes oferecidas pelo Senai/Nacional: em 2015, as matrículas das unidades do estado do Paraná somaram 333.297, o que corresponde a mais de 10% das matrículas do Senai/Nacional no período. (SENAI, 2016).

Para a caracterização do perfil e o mapeamento das motivações e expectativas dos estudantes são utilizados dados primários cedidos pelo Senai/PR, coletados por meio de questionários aplicados aos alunos matriculados em 2015. Além disso, utilizam-se informações de uma pesquisa qualitativa, contratada pela instituição no mesmo ano, a qual buscou informações acerca das motivações dos estudantes que pretendiam frequentar um curso técnico, mas não foram admitidos. Ressalta-se que o foco são os alunos da formação técnica de nível médio, embora o Senai/PR ofereça outras modalidades de cursos profissionalizantes.

A relevância deste trabalho está no fornecimento de subsídios para análises mais aprofundadas sobre o perfil de alunos da educação profissional. Busca-se contribuir para o desenvolvimento de outros estudos sobre o tema, trazendo luz a políticas públicas para o crescimento do ensino profissionalizante brasileiro.

Este trabalho é composto por cinco partes, além desta apresentação e das considerações finais. O próximo capítulo explora a relevância da educação profissional para o desenvolvimento econômico, resgatando as linhas de pesquisas atuais que percorrem o tema. Na sequência, o capítulo 3 descreve a estruturação e a evolução recente nas matrículas dos cursos técnicos de nível médio no Brasil. O capítulo 4 apresenta a organização dos cursos técnicos do Senai/PR, com ênfase nos perfis de turmas existentes. Por sua vez, os capítulos 5 e 6 descrevem e analisam os dados dos alunos matriculados nos cursos técnicos da instituição em 2015, constantes na *Pesquisa de Caracterização do Aluno 2015*.

## 2 A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

A pesquisa econômica e os organismos internacionais para o desenvolvimento têm destacado a relevância da educação profissional para o desenvolvimento econômico, uma vez que ela é capaz de elevar a equidade social e alterar o padrão de vida dos cidadãos, especialmente em países pobres. Dentre as instituições internacionais, a UNESCO, por exemplo, afirma que a educação profissional contribui para o empoderamento de indivíduos, organizações, empresas e comunidades, fomentando o emprego, o trabalho decente e o aprendizado vitalício de modo a promover competitividade e crescimento econômico inclusivos e sustentáveis, além de sustentabilidade ambiental. (UNESCO, 2015). Para a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a educação básica e a profissional são ferramentas fundamentais para a superação da pobreza, pois com elas crescem as chances dos indivíduos de encontrarem trabalho, bem como a capacidade de aproveitarem oportunidades no mercado e gerarem as próprias alternativas de ocupação e renda. (OIT, 2005).

Na literatura econômica, a relação entre educação profissional e desenvolvimento é abordada em várias perspectivas. Uma linha mais tradicional de pesquisa ressalta o papel do treinamento do trabalhador para o aumento da sua capacidade produtiva, sendo os incrementos na produtividade do trabalho traduzidos, por conseguinte, em melhores indicadores de desenvolvimento. Por exemplo, Schwartzman (2005) aborda a relação entre a qualificação do trabalhador e seu desempenho, afirmando que, na América Latina, a falta de competências pode ser uma restrição efetiva para a transferência rápida e eficiente de tecnologia nas firmas, o que traz graves consequências para a melhora da atividade econômica. O autor ainda recomenda que as políticas públicas sejam ágeis o suficiente para garantir que níveis educacionais melhores da força de trabalho se transformem em maior produtividade no nível das firmas.

Numa perspectiva semelhante, há estudos no Brasil que abordam a escassez de mão de obra qualificada no país como um impeditivo ao desenvolvimento, e que, para a reversão desse cenário, a educação profissional cumpre um papel fundamental. Esses estudos partem da constatação de que há, para alguns setores da economia brasileira, certa dificuldade de recrutamento de trabalhadores, como por exemplo, nas áreas de petróleo e gás e de tecnologia da



informação, fato ocorrido especialmente nos anos em que se verificaram taxas de crescimento econômico positivas (NASCIMENTO, 2014). Para Castro e Schwartzman (2013), a escassez ocorre especialmente em certas categorias de qualificação média, que registraram os maiores aumentos salariais e para as quais parece haver uma demanda maior que a oferta de trabalhadores. Nas indústrias de transformação e extrativa, por exemplo, verifica-se que a falta de trabalhadores qualificados é mais abrangente nas categorias de operadores e técnicos de produção (CNI, 2013). Nesse cenário, os cursos profissionalizantes podem contribuir para a formação da mão de obra necessária em menos de dois anos – tempo médio de um curso técnico. Para as firmas, as principais dificuldades decorrentes da falta de trabalhadores qualificados se referem às limitações na busca de eficiência e na redução de desperdícios, o que impacta diretamente na competitividade. Para solucionar esses problemas, treinamento e capacitação são apontados por empresários como a principal estratégia adotada. (CNI, 2013).

Outra linha de estudos econômicos enfatiza os benefícios do ensino profissional para a melhoria dos níveis de empregabilidade dos indivíduos, o que também afeta o desenvolvimento econômico. Por exemplo, em um experimento realizado por pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas (FGV) verificou-se que, no Brasil, a chance de ocupação de uma pessoa da população em idade ativa com formação profissional concluída é 48% maior que a de outra pessoa sem este tipo de formação, mas com características observáveis iguais (NERI, 2010). O estudo ainda revela salários aproximadamente 13% maiores para quem realizou cursos profissionalizantes. Esses dados evidenciam o potencial da educação profissional para que os indivíduos alcancem mais possibilidades de contratação e manutenção de um emprego, e, conseqüentemente, conquistem salários mais altos e melhorem sua condição de vida.

Outros estudos na pesquisa econômica abordam ainda a evolução da educação profissional brasileira numa perspectiva de conflito de classes. Por exemplo, há autores que consideram que o ensino profissional visa somente aos interesses da produção capitalista em detrimento da educação básica universal, laica e centrada no indivíduo. Nessa linha, Frigotto (2007, p.1131) explica que:

[...] o projeto da classe burguesa brasileira não necessita da universalização da escola básica e reproduz, por diferentes mecanismos, a escola dual e uma educação profissional e tecnológica restrita (que adentra as mãos e aguça os olhos) para formar o 'cidadão produtivo' submisso e adaptado às necessidades do capital e do mercado.

Em oposição a essa visão, Castro e Schwartzman (2013b) sugerem que o Brasil possui um sistema educacional "formal e sobrecarregado", de tal forma que os jovens poderiam frequentar cursos que combinam estudo com trabalho – fórmula já consagrada em países industrializados<sup>1</sup>. "A hipótese implícita é que uma formação mais técnica seria mais útil para a sociedade, teria maior demanda, e aumentaria a produtividade da economia como um todo". (SCHWARTZMAN, 2005, p.10).

A educação profissional é uma ferramenta utilizada pelo governo brasileiro e recomendada por várias instituições internacionais de desenvolvimento principalmente porque pode ajudar no desenvolvimento econômico de países de diversas maneiras, como na elevação dos níveis de escolaridade geral de uma população, na preparação de uma mão de obra capaz de atender às mudanças no mercado de trabalho, advindas da adoção de novos processos gerados por inovações tecnológicas, e ainda aumentar a renda de trabalhadores, melhorando as suas condições de vida.

---

<sup>1</sup> Segundo o Centro Europeu para o Desenvolvimento da Educação Profissional (CEDOFOP), em 2010, países da União Europeia tinham, em média, 50% dos estudantes do ensino secundário também matriculados na educação profissional, como na Áustria (77%), Finlândia (70%) e Alemanha (51%). (LUCCHESI, 2015).

### 3 ESTRUTURAÇÃO E EVOLUÇÃO DO ENSINO MÉDIO TÉCNICO NO BRASIL

Na legislação brasileira, os cursos técnicos de nível médio constituem uma modalidade de educação profissional, e destinam-se a jovens e adultos que estejam cursando ou já tenham concluído o ensino médio, sendo o certificado de conclusão condicionado ao término da educação básica de onze anos. Ou seja, para receber o diploma de habilitação técnica, o estudante deve ter o ensino médio regular completo (BRASIL. Ministério da Educação e Cultura, 2008). Sobre esta modalidade, a lei prevê que a sua oferta pode ocorrer nas formas:

- a) **integrada**: direcionada àqueles que concluíram o ensino fundamental e cursarão o ensino médio regular em conjunto com a habilitação profissional técnica, na mesma instituição de ensino, em matrícula única;
- b) **concomitante**: destinada a quem já tenha concluído o ensino fundamental ou esteja cursando o ensino médio. O aluno pode escolher cursar ou não o ensino médio regular e a habilitação técnica na mesma instituição de ensino, sendo as matrículas separadas para cada curso;
- c) **subsequente**: oferecida somente a quem já completou ensino médio.

No Brasil, de 2011 a 2015, a soma das matrículas nessas três formas de cursos técnicos apresentou 35% de aumento. O Censo Escolar da Educação Básica contabilizou 1.693.610 matrículas em 2015, sendo 391.766 (23%) referentes a cursos técnicos integrados, 278.212 (17%) a concomitantes e 1.023.332 (60%) a subsequentes (INEP, 2016). Ainda segundo os dados deste Censo, é importante destacar que, embora o número absoluto de matrículas no ensino médio tenha reduzido em aproximadamente 4% entre 2011 e 2015, a modalidade técnica integrada apresentou um crescimento de 52% nas matrículas no mesmo período. Essa estatística é importante à medida que, se por um lado a redução nas matrículas do ensino médio impacta no desenvolvimento econômico brasileiro ao comprometer a elevação do nível geral de escolaridade da população, por outro lado, os aumentos anuais verificados nas matrículas dos cursos técnicos são decisivos para garantir a competitividade das empresas e, por conseguinte, sua produtividade (CASTRO, SCHWARTZMAN, 2013a). O próprio MEC, em seus documentos de recomendações, argumenta pela ampliação da educação profissional integrada ao ensino médio em consonância com os Arranjos Produtivos Locais (APL), como forma de atração e retenção de

estudantes, uma vez que muitos jovens não continuam sua formação educacional após o término do ensino fundamental. (INEP, 2014).

O valor cobrado por um curso técnico varia de acordo com a instituição ofertante, o estado/município e o perfil do aluno. Enquanto nas instituições públicas que fazem parte das redes federal ou estaduais os cursos são sempre gratuitos, nas instituições do Sistema S a cobrança da mensalidade dependerá de alguns fatores (ALMEIDA, AMARAL, FELÍCIO, 2015). No Senai/PR, por exemplo, existem alunos que não pagam mensalidade por serem beneficiados por programas sociais públicos, como o Pronatec. Por sua vez, há alunos subsidiados por seus empregadores e ainda aqueles que custeiam a mensalidade com recursos próprios.

Sobre a demanda pelo ensino profissional, uma pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) revelou que um quarto dos brasileiros frequenta ou já frequentou algum tipo de curso profissionalizante, sendo o ingresso mais rápido no mercado de trabalho o principal motivo apontado para realizá-lo. Outras razões envolvem o desejo de qualificar-se em certa profissão, a busca pela melhora de desempenho no trabalho atual e o fato do curso ser mais objetivo e com foco na prática. Para 72% dos respondentes, a percepção é de que quem faz um curso de educação profissional tem mais oportunidades no mercado de trabalho em relação a quem não faz. Em contrapartida, a falta de tempo para estudar é a justificativa mais frequente para não se fazer um curso profissional (40%), seguida pela falta de recursos (26%). Ainda, 69% dos respondentes acham os cursos ótimos e bons e 77% acredita que o governo deveria ampliar a oferta cursos técnicos integrados. (CNI, 2014).

#### 4 O ENSINO PROFISSIONAL DE NÍVEL MÉDIO DO SENAI/PR

Dentre todas as escolas que ofertaram cursos técnicos no Paraná em 2015, o Senai/PR representou cerca de 23% das matrículas. O portfólio de cursos técnicos da instituição é, atualmente, ofertado somente nas modalidades concomitante e subsequente<sup>2</sup>. A versão integrada – na qual os alunos fazem o técnico mais o ensino médio como uma matrícula única – não é ofertada pela instituição. Os cursos possuem carga horária mínima de oitocentas horas e tem duração de no máximo dois anos, a depender do título escolhido. Como pré-requisito, o estudante deve ter a idade mínima de quinze anos e estar frequentando ou ter concluído o ensino médio. (SENAI, 2016).

A dinâmica para o ingresso nos cursos técnicos do Senai varia conforme a origem dos alunos. Na estrutura do Senai/PR, as turmas de cursos técnicos são formadas por:

- a) alunos oriundos do Pronatec;
- b) alunos que ingressaram mediante processo seletivo;
- c) alunos provenientes da parceria com o Colégio do Serviço Social da Indústria (Sesi).

Cada turma possui somente um destes perfis de alunos.

Considerando a soma das três formas de ingresso em cursos técnicos do Senai/PR, citadas acima, a TABELA 1 apresenta a evolução do número de matrículas da instituição nos últimos anos. Relatórios internos apontam, em 2015 no Paraná, 333.297 matrículas em todas as modalidades de cursos profissionalizantes, sendo 22.337 matrículas em cursos técnicos de nível médio (SENAI, 2016b). A partir de 2011 verificam-se taxas de crescimento significativas, especialmente em 2012, quando o número de vagas disponíveis aumentou devido à participação da instituição como um dos ofertantes de cursos do Pronatec.

---

<sup>2</sup> A lista dos cursos ofertados está disponível em [senaipr.com.br/cursostecnicos](http://senaipr.com.br/cursostecnicos).

TABELA 1 - EVOLUÇÃO DAS MATRÍCULAS NOS CURSOS OFERECIDOS PELO SENAI/PR - 2005-2015

ANO	TODAS AS MODALIDADES	CURSOS TÉCNICOS	CRESCIMENTO ANUAL DOS CURSOS TÉCNICOS (%)
2005	58.415	3.842	-
2006	64.312	6.188	61
2007	72.961	6.809	10
2008	93.886	7.422	9
2009	121.232	8.132	10
2010	198.858	7.900	-3
2011	271.476	10.964	39
2012	304.896	16.850	54
2013	343.980	20.599	22
2014	382.594	23.961	16
2015	333.297	22.337	-7

FONTE: A autora (2016).

NOTA: Cálculos realizados a partir de dados do Senai/PR. (SENAI, 2016a).

Para terem direito a uma vaga em um curso técnico do Senai via Pronatec, os estudantes interessados devem seguir as exigências previstas neste programa do governo federal. Como pré-requisito básico, o candidato deve ter estudado ou em escola pública ou como bolsista integral em escola particular. O período de inscrições e o início dos cursos são determinados pelo MEC, e a cada fase novos pré-requisitos podem ser acrescentados, como por exemplo, limite de idade ou estar condicionado à participação no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Os títulos dos cursos e o número de vagas destinadas às turmas do Pronatec são determinados em conjunto com a Secretaria Estadual de Educação do Paraná, considerando, entre outras coisas, a capacidade de atendimento do Senai/PR e as necessidades locais de mão de obra.

A forma de ingresso mediante processo seletivo ocorre duas vezes ao ano, no início de cada semestre. Nesses casos, os cursos são pagos, o que confere ao aluno ou responsável uma mensalidade que varia de acordo com o curso escolhido e a cidade na qual o curso é ministrado. A oferta de cursos em cada uma das 52 unidades do Senai/PR é determinada a partir de estudos de mercado regionais e se alteram com o tempo, para acompanhar as demandas industriais locais.

Por sua vez, os alunos do Colégio Sesi do Paraná podem optar por realizar um curso técnico no Senai/PR a partir do segundo ano do ensino médio, na modalidade de concomitância. Esses alunos não precisam passar por processo de seleção e pagam pelo curso desde o início do ensino médio.

O Senai/PR é um ofertante de educação profissional de relevância no Paraná e existem então três maneiras de ingressar nos cursos técnicos desta instituição, sendo que cada uma delas gera turmas específicas, ou seja, há turmas exclusivas de alunos Pronatec, de alunos do Colégio Sesi e de alunos que passaram por processo seletivo, cada qual com requisitos de ingresso próprios. No capítulo seguinte analisa-se o perfil dos estudantes da educação profissional técnica de nível médio do Senai/PR, fazendo-se também um mapeamento das motivações e expectativas desses alunos, considerando as semelhanças e diferenças por tipo de turma.

## 5 DADOS E MÉTODO

Os dados analisados neste estudo pertencem à *Pesquisa de Caracterização do Aluno 2015*, realizada pela área de educação profissional e tecnológica do Senai/PR, que acontece todos os anos e tem por objetivo identificar o perfil socioeconômico de entrada dos alunos regularmente matriculados, bem como suas motivações e expectativas em relação ao curso. Os estudantes respondem à pesquisa no início do primeiro semestre letivo, e como o ingresso de novos alunos ocorre semestralmente, o questionário é aplicado duas vezes ao ano. A coleta dos dados acontece por meio de formulário eletrônico, acessado nos laboratórios de informática das próprias unidades do Senai/PR. Em 2015, responderam à pesquisa estudantes de cursos técnicos em 48 cidades do Paraná, dos três perfis de turma detalhados no capítulo anterior, conforme a seguinte distribuição: 1.022 (20%) são alunos Pronatec, 2.195 (44%) alunos de mercado e 1.833 (36%) alunos do Colégio Sesi.

Essa pesquisa é primeira de um conjunto de três mapeamentos realizados pela instituição, os quais tem a função de acompanhar a evolução do aluno do momento em que se matricula até a atuação no mercado de trabalho. O questionário foi estruturado para atender alguns anseios do Senai/PR no que diz respeito não somente às características socioeconômicas e motivações dos alunos, mas também às percepções sobre a marca da instituição.

Num primeiro momento os alunos confirmam o endereço, nome do curso e a que tipo de turma pertencem, preenchendo logo após os dados pessoais, como sexo, idade, raça/cor, escolaridade e se é portador de necessidades especiais. Ainda, informam a renda familiar, com quem moram e assinalam quais itens possuem em casa, como por exemplo, televisor, automóvel e outros. Essas informações são usadas para gerar a classificação econômica, determinada com base no Critério Brasil da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). Na sequência, os alunos informam sua situação ocupacional atual e se ela tem relação com a área do curso que escolheu, bem como a escolaridade do chefe de família e o responsável pelo pagamento do curso, quando ele é pago.

A segunda etapa do questionário se refere às motivações para fazer um curso técnico. Os alunos assinalam quais razões de escolha pelo ensino profissionalizante se aplicam a si próprios a partir de uma lista pré-determinada, detalhada no próximo capítulo. Caso não encontre alguma opção que se enquadre na sua situação, o



estudante pode citar outras opções. Ainda nesta etapa, o aluno responde de que maneira tomou conhecimento sobre os cursos do Senai e assinala os locais onde possui acesso à internet.

A partir das respostas coletadas, realizaram-se tabulações a fim de mapear o perfil dos estudantes, observando as características comuns e as diferenças entre os três tipos de turmas: alunos do Pronatec, alunos oriundos dos processos seletivos e alunos do Colégio Sesi. Conforme explicitado anteriormente, as turmas possuem somente um desses perfis de alunos e, dessa forma, é interessante verificar em que medida existe heterogeneidade no perfil e nas motivações conforme o tipo de turma.

Como complemento à pesquisa interna, este estudo também analisa a *Pesquisa de Comportamento e Motivações*, realizada pelo Senai/PR em 2015, a qual investigou as razões de escolha e os interesses de estudantes prospectivos da instituição, ou seja, estudantes com idade entre 18 e 25 anos que pretendiam realizar um curso técnico nos próximos 12 meses, mas que não foram admitidos. A amostragem dos estudantes para essa pesquisa foi realizada por empresa contratada.

Para facilitar a exposição dos resultados, os alunos ingressantes por meio de processo seletivo serão denominados alunos de mercado. As demais categorias são: alunos Pronatec e alunos Colégio Sesi.

## 6 RESULTADOS

### 6.1 O PERFIL DO ALUNO: EVIDÊNCIAS QUANTITATIVAS

Numa análise preliminar do perfil demográfico dos estudantes do Senai/PR conforme tipo de turma (alunos de mercado, alunos Pronatec e alunos Colégio Sesi), a TABELA 2 evidencia que há semelhanças, mas também heterogeneidades entre os alunos.

TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES DOS CURSOS TÉCNICOS DO SENAI/PR, POR TIPO DE TURMA E SEGUNDO PERFIL DEMOGRÁFICO – 2015

PERFIL DEMOGRÁFICO	PRONATEC (%)	MERCADO (%)	COLÉGIO SESI (%)
Sexo			
Homens	64	81	51
Mulheres	36	19	49
Faixa Etária			
Até 18 anos	62	33	95
De 19 a 39 anos	36	61	5
40 anos ou mais	2	6	-
Cor ou Raça			
Branca	65	67	70
Parda	27	25	23
Preta	5	5	4
Amarela	3	2	2
Indígena	-	1	1
Classe Social			
Classe E	50	47	22
Classe D	47	46	65
Classe C2	3	6	2
Classe C1	-	1	11
Classe B2	-	0	0
Classe B1	-	-	-
Classe A	-	-	-

FONTE: A autora (2016).

NOTA: Cálculos realizados a partir de dados do Senai/PR. (SENAI, 2016a).

Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.
- 0 Dado numérico igual a zero resultante de um arredondamento de um dado numérico originalmente positivo.

Verifica-se que o estudante médio é homem, branco e de baixa renda, pertencente às classes D ou E. Como a missão da instituição é aumentar a competitividade do segmento industrial, os cursos são formatados a partir das necessidades de mão de obra das indústrias, o que justifica a forte oferta de cursos de

cunho mecanicista<sup>3</sup>. Como consequência, o público masculino é naturalmente mais atraído. Somente nas turmas de alunos Colégio Sesi é que se constata uma proporção mais equânime, com 49% de mulheres: isso pode ser explicado, primeiro, pelo fato de que essas estudantes estão, na verdade, cursando o ensino médio regular; e segundo porque, para essas alunas, a grade de cursos em cada cidade é limitada, não havendo muitas opções de títulos. Assim, muitas vezes elas cursam o que está disponível no momento na unidade do Colégio Sesi em que estudam. Em comparação às turmas de mercado, as turmas Pronatec apresentam maior representatividade de mulheres nas salas de aula do Senai/PR, sendo que uma explicação para esse fato pode decorrer do tipo de curso ofertado, tais como Administração e Segurança do Trabalho, os quais são mais genéricos e menos mecanicistas.

Os dados também demonstram que os cursos técnicos têm mais receptividade nas classes D e E, juntas correspondendo a 97% dos alunos Pronatec, 93% de mercado e 86% do Colégio Sesi. Para os três tipos de turma, o número de alunos das classes A e B é próximo a zero. Somente 3% dos alunos Pronatec pertencem à classe C, e considerando somente os alunos Colégio Sesi, esse número sobe para 13%. Os percentuais nesses patamares podem indicar que as pessoas das classes A, B e C preferem seguir diretamente para o ensino superior, sem passar pela educação profissional técnica de nível médio. Embora as regras do Pronatec não estabeleçam um valor máximo de renda familiar mensal para participar do programa, a quase totalidade dos estudantes tem origem em famílias de baixa renda. O mesmo, contudo, acontece para os alunos de mercado.

Em relação ao perfil etário dos estudantes, verifica-se que uma pequena parcela do total de alunos tem mais de 40 anos. Para as turmas Pronatec, 62% têm até 18 anos de idade, pessoas muito jovens que estão tomando as suas primeiras decisões profissionais: esse fato pode ser explicado pelas exigências do programa aos candidatos a uma vaga, como por exemplo, que tenha participado no Enem. Por sua vez, nas turmas de mercado, para as quais a única exigência é o ensino médio regular, 61% são adultos entre 19 e 39 anos, contra apenas 33% de jovens até 18 anos.

---

<sup>3</sup> São exemplos os cursos técnicos em Mecânica Industrial, Mecatrônica, Manutenção Automotiva e Eletrotécnica, títulos com alta adesão de alunos, predominantemente homens.

A tabela abaixo apresenta as características demográficas dos estudantes dos cursos técnicos do Senai/PR de acordo com o turno do curso.

TABELA 3 - DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES DOS CURSOS TÉCNICOS DO SENAI/PR, POR TIPO DE TURMA E SEGUNDO TURNO DO CURSO, FAIXA ETÁRIA E SITUAÇÃO EDUCACIONAL E OCUPACIONAL – 2015

TURNO/FAIXA ETÁRIA E SITUAÇÃO EDUCACIONAL E OCUPACIONAL	PRONATEC (%)	MERCADO (%)	COLÉGIO SESI (%)
<b>Noturno</b>	<b>51</b>	<b>79</b>	<b>16</b>
Situação Educacional			
Estuda em outro nível regular	41	22	100
Não estuda em outro nível regular	59	78	-
Faixa Etária			
Até 18 anos	39	16	87
De 19 a 39 nos	56	73	9
40 anos ou mais	3	8	-
Idade não informada	2	3	4
Situação Ocupacional			
Trabalha/faz estágio remunerado	48	71	14
Não trabalha/não faz estágio remunerado	52	29	86
<b>Tarde</b>	<b>47</b>	<b>11</b>	<b>63</b>
Situação Educacional			
Estuda em outro nível regular	94	74	100
Não estuda em outro nível regular	6	26	-
Faixa Etária			
Até 18 anos	85	64	93
De 19 a 39 anos	12	31	4
40 anos ou mais	1	2	-
Idade não informada	2	3	3
Situação Ocupacional			
Trabalha/faz estágio remunerado	7	26	2
Não trabalha/não faz estágio remunerado	93	74	98
<b>Manhã</b>	<b>2</b>	<b>10</b>	<b>21</b>
Situação Educacional			
Estuda em outro nível regular	36	41	100
Não estuda em outro nível regular	64	59	-
Faixa Etária			
Até 18 anos	23	35	93
De 19 a 39 anos	73	54	4
40 anos ou mais	-	8	-
Idade não informada	4	3	3
Situação ocupacional			
Trabalha/faz estágio remunerado	41	43	1
Não trabalha/não faz estágio remunerado	59	57	99

FONTE: A autora (2016).

NOTAS: Cálculos realizados a partir de dados do SENAI/PR. (SENAI, 2016a).

Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

Nas turmas de mercado, a prevalência de pessoas adultas, com idade entre 19-39 anos (61%), pode estar relacionada à preferência por cursos noturnos. Conforme reportado na TABELA 3, nesse tipo de turma, 73% dos alunos que estudam no período da noite são adultos. Este público compreende as pessoas em idade ativa, as quais durante o dia desempenham alguma atividade profissional. Corroborar para esta hipótese o fato de 71% trabalharem ou estagiarem com remuneração e 78% já possuírem o ensino médio completo. Em contraponto, as matrículas no período vespertino foram maioria dentre os alunos Colégio Sesi (64%). 98% destes alunos se dedicam somente aos estudos, e como cursam o ensino médio regular em outro turno, não possuem tempo disponível para trabalhar ou estagiar com remuneração. De modo similar se comportam os alunos Pronatec: 47% estudam à tarde, e desses, 85% tem até 18 anos e 93% não trabalha ou faz estágio de forma remunerada.

Nas turmas de mercado, 8% dos estudantes do período matutino têm mais de 40 anos (TABELA 3). Investigando a base de dados foi averiguado que quase 40% deles têm o curso pago pelo Instituto Nacional de Serviço Social (INSS). Ainda, 10,5% desses alunos com mais de 40 anos são portadores de necessidades especiais. Em todos os cursos técnicos do Senai/PR, somente 1% dos alunos tem alguma deficiência. Desde a busca por informações sobre um curso até a sua conclusão, a instituição possui uma equipe preparada para o atendimento deste público em todas as unidades do Paraná, no contexto de um programa denominado Programa Senai de Inclusão. Entretanto, mesmo com uma estrutura de atendimento, os cursos técnicos não registram grande procura de portadores de deficiência. Acredita-se que a falta de informação, atrelada à carência de incentivos, constituem motivos para a baixa adesão, mesmo com vagas disponíveis. Sob este aspecto, uma parceria com o setor público poderia incentivar a participação de portadores de deficiência e até se consolidar como uma política pública de inclusão.

Um segundo nível de análise foi explorado para avaliar a situação de ocupação dos alunos de cursos técnicos do Senai/PR.

TABELA 4 - DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES DE CURSOS TÉCNICOS DO SENAI/PR, POR TIPO DE TURMA E SEGUNDO A SITUAÇÃO OCUPACIONAL – 2015

SITUAÇÃO OCUPACIONAL	PRONATEC (%)	MERCADO (%)	COLÉGIO SESI (%)
<b>Trabalha/faz estágio remunerado</b>	<b>28</b>	<b>63</b>	<b>3</b>
Trabalha na mesma área do curso	6	29	1
Não trabalha na mesma área do curso	22	34	2
<b>Não trabalha/faz estágio remunerado</b>	<b>72</b>	<b>37</b>	<b>97</b>
Prefere continuar os estudos	34	14	72
Não encontrou emprego ainda	20	12	4
Não procurou emprego ainda	4	2	8
Aguardando resultados	2	2	1
Aguardando/prestando serviço militar	1	1	-
Doença	-	1	-
Outros	11	5	12

FONTE: A autora (2016).

NOTAS: Cálculos realizados a partir de dados do SENAI/PR. (SENAI, 2016a).

Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

De acordo com a TABELA 4, 97% dos alunos Colégio Sesi não trabalham nem fazem estágio com remuneração, o que também acontece com 72% dos alunos Pronatec. Para esses alunos, a maioria prefere focar somente nos estudos e adiar o início da carreira profissional. Nas turmas de mercado ocorre o oposto, somente 37% dos alunos não estava ocupada em 2015, sendo que 12% destes já haviam buscado emprego, embora sem sucesso.

A pesquisa também apurou a afinidade entre a atividade profissional do estudante ocupado e a área do curso no qual se matriculou, conforme TABELA 4. Verificou-se que nem sempre existe uma relação direta, indicando que a ocupação atual do aluno pode não ser a desejada para a sua carreira futura. Em situações assim, o curso técnico se constitui numa porta de entrada para o que o estudante realmente deseja fazer profissionalmente. Somente 6% dos alunos Pronatec trabalham na mesma área do curso que estão fazendo e nas turmas de mercado, 29%.

Para os três tipos de turmas, a maioria dos chefes de família possui o ensino médio completo, conforme TABELA 5.

TABELA 5 - DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES DOS CURSOS TÉCNICOS DO SENAI/PR, POR TIPO DE TURMA E SEGUNDO A ESCOLARIDADE DO CHEFE DE FAMÍLIA – 2015

ESCOLARIDADE DO CHEFE DE FAMÍLIA	PRONATEC (%)	MERCADO (%)	COLÉGIO SESI (%)
Ensino médio completo	40	54	44
Ensino fundamental incompleto	25	12	11
Ensino fundamental completo	21	14	12
Ensino superior completo	8	12	21
Pós-graduação	3	6	11
Analfabeto	3	2	1

FONTE: A autora (2016).

NOTAS: Cálculos realizados a partir de dados do SENAI/PR. (SENAI, 2016a).

No conjunto total de alunos, o número de chefes de família pós-graduados é relativamente baixo, assim como os analfabetos, revelando que a maioria tem apenas a etapa da educação básica finalizada. Numa análise secundária, verificou-se que aproximadamente 3% dos chefes de família analfabetos pertencem à classe C, estando os demais 97% nas classes D e E.

A TABELA 6 apresenta o responsável pelo pagamento da mensalidade dos cursos técnicos do Senai/PR. Como os cursos do Pronatec não tem custo ao aluno, este público foi excluído da análise. O próprio aluno é o responsável em 50% dos casos nas turmas de mercado, seguido por 19% de familiares. 51% dos alunos Colégio Sesi também tem a sua mensalidade paga por algum familiar. Dentre os 37% que responderam "outros", a maioria citou uma bolsa de estudo ligada ao próprio Colégio Sesi. Percebe-se aqui um relevante envolvimento familiar para que os estudantes possam realizar um curso.

TABELA 6 - DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES DOS CURSOS TÉCNICOS DO SENAI/PR, POR TIPO DE TURMA E SEGUNDO O RESPONSÁVEL PELO PAGAMENTO DO CURSO - 2015

PAGANTE DO CURSO TÉCNICO	MERCADO (%)	COLÉGIO SESI (%)
O próprio aluno	50	3
Familiares	19	51
Empresa na qual o aluno trabalha	9	3
Aluno e a empresa na qual trabalha	9	2
Aluno e familiares	7	4
Outros	6	37

FONTE: A autora (2016).

NOTAS: Cálculos realizados a partir de dados do SENAI/PR. (SENAI, 2016a).

De acordo com a TABELA 7 observa-se que a maior parte do público do Senai/PR é procedente de escolas públicas, tanto para os alunos de mercado, quanto para os alunos Pronatec: somente 20% dos alunos de mercado são oriundos de escolas particulares e os 3% do Pronatec correspondem àqueles que frequentaram escolas particulares na condição de bolsistas integrais, sendo esse um dos critérios de elegibilidade do programa. Como o Colégio Sesi é uma escola particular, esta pergunta do questionário não se aplica a esses alunos.

TABELA 7 - DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES DOS CURSOS TÉCNICOS DO SENAI/PR, POR TIPO DE TURMA E SEGUNDO A ORIGEM ESCOLAR – 2015

ORIGEM ESCOLAR	PRONATEC (%)	MERCADO (%)
Escola pública	97	80
Escola particular	3	20

FONTE: A autora (2016).

NOTA: Cálculos realizados a partir de dados do SENAI/PR. (SENAI, 2016a).

Sobre os motivos pelos quais os alunos elegeram um curso técnico como parte de sua formação, a TABELA 8, na próxima página, apresenta o número percentual de vezes em que as opções foram mencionadas, para cada tipo de turma. Os respondentes poderiam marcar quantos motivos julgassem aplicáveis a si próprios e em vários deles verificou-se homogeneidade nas respostas. Para os três tipos de turma, o *ranking* deixa clara a preocupação dos alunos com a sua empregabilidade e a sua renda. Os estudantes escolhem a modalidade técnica porque vislumbram chances de colocação profissional, e consequentemente, de aumentar a renda futura. Por essa razão, o motivo 1 apareceu em 23% das respostas de alunos Pronatec e 16% de alunos de mercado. Além disso, ter um diploma de curso profissionalizante (motivo 3) foi o desejo apontado em 16% das respostas dos alunos Colégio Sesi e 12% dos alunos Pronatec.

A manutenção da bolsa de estudos que possui no Colégio Sesi (motivo 17) foi elencada em 16% das respostas desses alunos. A bolsa é um condicionante, mas seria prematuro atribuir a ela, isoladamente, o peso da decisão. Dos alunos que marcaram esta opção, 40% também deseja ter um diploma de curso profissionalizante e 34% acredita que o Senai ensina uma profissão com boas chances de trabalho e renda.



O desejo de montar um negócio próprio foi citado somente em 4,6% do total das respostas. Recentemente, o Senai/PR tem efetuado algumas ações de incentivo ao empreendedorismo de seus alunos. Na prática, isso se traduz em novas disciplinas sobre o tema e concursos e prêmios àqueles que almejam criar uma *startup*. A realização de um curso técnico a pedido da empresa na qual trabalha (motivo 13) foi citada somente em 3% das respostas, ou seja, não é comum que empresários solicitem a seus colaboradores que façam um curso técnico, não obstante várias firmas ofereçam auxílio no pagamento das mensalidades, conforme já exposto na TABELA 6.

O desejo de aumento de renda foi apontado em 9% das respostas dos alunos de mercado, que ainda sinalizaram em 8% das respostas que ter a marca Senai no currículo pode ser valioso em um processo de seleção. Os outros motivos apontados foram: porque os pais obrigaram, por recomendação da empresa em que o pai trabalha e porque pretendem seguir para um curso superior, mas antes precisam aumentar a renda.

TABELA 8 - DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES DOS CURSOS TÉCNICOS DO SENAI/PR, POR TIPO DE TURMA E SEGUNDO AS MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DO CURSO - 2015

MOTIVO	DESCRIÇÃO DO MOTIVO	PRONATEC (%)	MERCADO (%)	COLÉGIO SESI (%)
1	O Senai ensina uma profissão com boas chances de trabalho/renda	23	16	17
2	Melhorar meu conhecimento nesta área	12	10	8
3	Quero ter diploma de um curso profissionalizante	12	10	16
4	Já trabalho na área do curso e quero me aperfeiçoar na profissão	2	9	-
5	Quero aumentar minha renda	7	9	5
6	Fazer curso no Senai conta ponto na seleção para emprego	9	8	9
7	Credibilidade da marca Senai	6	6	4
8	Quero mudar de profissão	3	6	-
9	A escola Senai é bem equipada/instalada	8	6	5
10	O ensino do Senai é atualizado	7	5	4
11	Quero montar meu próprio negócio	5	4	5
12	O curso foi recomendado por familiares	4	3	6
13	O curso foi solicitado pela empresa em que trabalho/trabalhei	-	3	-
14	A localização da escola do Senai é conveniente para mim	2	2	2
15	Os preços dos cursos no Senai são acessíveis	1	2	1
16	Outros	-	1	1
17	Para manter minha bolsa no Colégio Sesi	-	-	16

FONTE: A autora (2016).

NOTAS: Cálculos realizados a partir de dados do Senai/PR. (SENAI, 2016a).

Questão de múltipla escolha, podendo o estudante assinalar mais de uma opção.

Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

Os dados coletados na *Pesquisa de Caracterização do Aluno 2015* demonstram que os estudantes realizam um curso técnico principalmente porque desejam mais e melhores chances de ocupação profissional, como forma de obter aumentos de renda, sendo a maioria dos alunos: homens, adultos e das classes D e E.

## 6.2 O PERFIL DO ALUNO: EVIDÊNCIAS QUALITATIVAS

Por meio da *Pesquisa de Motivações e Interesses* foi possível observar aspectos qualitativos que estimulam os jovens a optar pela educação profissional técnica de nível médio. As entrevistas em profundidade, realizadas em abril de 2015, investigaram o processo de tomada de decisão por um curso técnico, com foco nas circunstâncias iniciais que motivam os estudantes a procurarem opções de cursos. Apesar da marca Senai ter sido mencionada pelos participantes, eles desconheciam a participação da instituição, o que foi essencial para evitar que as respostas fossem tendenciosas.

O relatório conclusivo da pesquisa apresenta que, independente da motivação de curto prazo, os estudantes esperam que, no longo prazo, o término de um curso técnico permita um incremento de renda, o que significa dizer que o benefício final desejado é financeiro. Isso pode ser percebido quando, por exemplo, um estudante prospectivo afirma que "fica mais fácil conseguir um emprego tendo um curso, com certeza. Tendo um curso e um emprego melhor, você consegue ganhar um pouco mais de dinheiro. Então eu acho que o que motiva muito é o dinheiro". (SENAI, 2015, p. 23).

Num olhar mais atento, esse desejo por ganhar mais dinheiro, aumentar a renda, pode ser interpretado como o anseio de melhoria das condições de vida, tendo em vista que os participantes da pesquisa têm renda familiar mensal de até dois salários mínimos.

As entrevistas ainda revelaram que a renda é o principal impeditivo para fazer um curso técnico. De acordo com os participantes, a restrição orçamentária a que estão submetidos faz com que adiem os planos de começar um curso imediatamente, e exige uma organização prévia, como rever gastos e fazer uma poupança específica para esse fim. Somente com planejamento financeiro os estudantes terão condições de pagar a mensalidade de um curso técnico.

Nesse contexto, o Pronatec foi citado como uma possível solução para começar um curso ainda em 2015. Este é um exemplo prático da importância de existir uma política pública que envolva a educação profissional como forma de promover oportunidades no mercado de trabalho para jovens de baixa renda.

Na pesquisa também se observou que a percepção das pessoas que compartilham o mesmo ambiente de trabalho exerce influência e é um fator muito relevante. Sendo assim, possuir um curso técnico no currículo é um atributo de diferenciação capaz de projetar o profissional na sua carreira dentro da empresa na qual trabalha. Esse fato fica evidente na seguinte passagem: "você entra como operário, como auxiliar, e você está ali no meio de 30 pessoas, então se você faz um curso você já é mais visto, você já sobe". (SENAI, 2015, p. 32).

Assim, especialmente quando avaliado sob o ponto de vista da competição entre colaboradores numa mesma ocupação, o curso técnico é uma estratégia para ascensão profissional. Como explicitado na fala de outro jovem, o nivelamento de escolaridade entre os colaboradores que trabalham muito próximos é algo que não passa despercebido: "o estudo (técnico) hoje nos deixa um passo à frente ou até ao lado da pessoa que está dividindo com você a mesma posição". (SENAI, 2015, p. 44).

A expectativa em relação a conseguir um emprego ao término do curso também é muito grande. A pesquisa detectou que um dos retornos esperados pelos estudantes prospectivos é a colocação profissional rápida. Ao terminar o curso técnico, que possui entre um ano e meio e dois anos de duração, o jovem espera ter brevemente uma oportunidade profissional, como fica claro na seguinte passagem: "o técnico te lança. Você terminou, dois meses o mais tardar, já está na empresa, já cresce e tal". (SENAI, 2015, p. 50).

Outra questão levantada pelos participantes faz referência à quantidade de profissionais técnicos demandados pelo mercado, em comparação a outros níveis de escolaridade. Um estudante prospectivo argumenta que: "faculdade às vezes precisa de um em cada empresa. Técnico precisa de 5, 6, 10, dependendo do tamanho da empresa". (SENAI, 2015, p. 55).

Analisando todos os argumentos mencionados durante as entrevistas realizadas observa-se que as principais motivações que levam estudantes para cursos técnicos são o aumento de renda e a empregabilidade, com vistas a melhores condições de vida.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Pesquisa de Caracterização do Aluno 2015*, desenvolvida pelo Senai/PR, apontou que, dentre as diversas razões que levam um estudante a optar pela habilitação técnica de nível médio, a principal delas é a expectativa de aumentar a renda futura. Considerando que a maioria dos alunos está nas classes D e E, estas pessoas buscam, por meio do ensino profissionalizante, obter benefícios que possam ser convertidos em melhores condições de vida. Entretanto, fazer um curso técnico demanda justamente recursos financeiros, um item escasso e de difícil alcance para a população de baixa renda brasileira. Nesse contexto, a implantação de políticas públicas que ampliem as chances dessas pessoas realizarem um curso profissionalizante tem um efeito decisivo em suas vidas. A expansão da oferta da educação profissional para a população mais pobre do país é algo economicamente necessário e socialmente transformador, especialmente pela capacidade de inserir e manter esses cidadãos no mercado de trabalho.

O estudante médio dos cursos técnicos do Senai/PR é homem, branco, tem até 39 anos e está nas classes D e E. Esse perfil sobre variações de acordo com o tipo de turma: alunos Pronatec, alunos de mercado e alunos do Colégio Sesi.

Sendo a busca por uma colocação profissional um fator relevante apontado na pesquisa, a educação profissional se tornará mais atrativa à medida que as instituições ofertantes ampliem os vínculos com os setores produtivos, a fim de facilitar a entrada de alunos formados no mercado de trabalho. Como contrapartida, as empresas precisam se conectar com as instituições de educação profissional para, além de absorver a mão de obra qualificada que se forma, também contribuir para a criação de novos cursos, adaptados às necessidades do mercado. Para constituir uma economia forte, um país precisa que a sua força de trabalho esteja bem capacitada e atualizada a ponto de acompanhar as mudanças tecnológicas que os novos processos produtivos solicitam. Para que isso seja possível, é essencial a conexão entre empresas e instituições de ensino profissionalizante.

O desafio de melhorar a qualidade da educação básica brasileira tem a educação profissional como aliada, convocada para auxiliar na árdua tarefa de elevar o nível geral de escolaridade dos brasileiros, tendo em vista que níveis

educacionais melhores da força de trabalho se convertem em maior produtividade no nível das firmas, culminando em crescimento econômico.

A educação profissional não irá, sozinha, resolver todos os complexos problemas econômicos e sociais a que países são acometidos. Mas, não se pode menosprezar o valioso papel que ela possui para o desenvolvimento econômico, especialmente em países pobres. Seu potencial de transformar a realidade de comunidades é reconhecido por diversos organismos internacionais, que constantemente fazem recomendações em prol da ampliação de sua oferta. Os países podem utilizá-la como uma ferramenta promotora de equidade social, já que por meio dela é possível o ensino de conhecimentos úteis, práticos e produtivos num curto período de tempo. Esses conhecimentos irão aumentar as chances das pessoas encontrarem trabalho e gerarem a própria renda, criando uma cadeia de resultados positivos para a economia.

Com dados de 2015, o perfil dos alunos de cursos técnicos do Senai/PR mapeado neste estudo é bastante atual e permitiu conhecer algumas características e motivações de pessoas que optaram pelo ensino profissionalizante de nível médio. Por meio das análises desenvolvidas, buscou-se contribuir para a evolução da ainda restrita pesquisa econômica acerca da demanda por educação profissional. Espera-se que as informações aqui contidas subsidiem outros estudos sobre o tema, com vistas a atrair cada vez mais alunos para todas as modalidades de cursos profissionalizantes existentes. Conhecer e entender os motivos pelos quais os jovens sentem-se atraídos facilita a criação do discurso para a captação de novos alunos, além de embasar a construção de políticas públicas mais direcionadas e eficazes.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, A.; MIDDLETON, J.; ZIDERMAN, A. **Vocational and technical education and training**. Washington: WORDL BANK, 1991.

ALMEIDA, R.; AMARAL, N.; FELÍCIO, F. **Avaliando os progressos e desafios do ensino técnico no Brasil**: relatório de política. Banco Mundial, 2016. Relatório técnico. Disponível em: <<http://goo.gl/qvGINf>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

BRASIL. Decreto-lei nº 4.048, de 22 de janeiro de 1942. Cria o Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários (SENAI). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 jan. 1942. Seção 1, p. 1231.

BRASIL. Lei nº 11.741, de 16 de junho de 2008. Altera dispositivos da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 jun. 2008. Seção 1, p. 5.

BRASIL. Lei nº 12.513, de 26 de outubro de 2011. Institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec); altera as Leis nº 7.998, de 11 de janeiro de 1990, que regula o Programa do Seguro-Desemprego, o Abono Salarial e institui o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), nº 8.212, de 24 de julho de 1991, que dispõe sobre a organização da Seguridade Social e institui Plano de Custeio, nº 10.260, de 12 de julho de 2001, que dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior, e nº 11.129, de 30 de junho de 2005, que institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem); e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 out. 2011. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC). **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. Brasília: MEC - SETEC, 2008. V. 1, n. 1.

CASTRO, C. Training policies in the World Bank: putting the act together. **Prospects**. Paris, v. XXII, n. 2, p. 141-148, 1992.

CASTRO, C.; SCHWARTZMAN, S. Ensino, formação profissional e a questão da mão de obra. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 80, p. 563-623, set. 2013a.

CASTRO, C.; SCHWARTZMAN, S. Ensino técnico e profissional: a falta que faz, e como fazer. In: GIAMBIAGI, F.; PORTO, C. (Ed.). **Propostas para o governo 2015/2018**. Rio de Janeiro: Elsevier – Campus, 2013b.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). **Educação para a nova indústria**: uma ação para o desenvolvimento sustentável do Brasil. Brasília: CNI-SESI-SENAI, 2007.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). **Retratos da sociedade brasileira**: educação profissional. Brasília: CNI – IBOPE, 2014. Relatório técnico.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). **Sondagem Especial:** indústria de transformação e extrativa. Brasília: CNI, out. 2013. Ano 3, n. 1. Relatório técnico. Disponível em: <<http://goo.gl/qw8TCe>>. Acesso em: 15 maio 2016.

FRIGOTTO, G. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1129-1152, out. 2007. Disponível em: <[www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br)>. Acesso em: 3 fev. 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Sinopse estatística da educação básica 2011 a 2015**. Brasília: INEP, 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/Mn9cN>>. Acesso em: 27 maio 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar da Educação Básica 2013:** resumo técnico. Brasília: INEP, 2014. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/resumos-tecnicos>>. Acesso em: 3 fev. 2016.

LEMOS, A.; PIRES, S. **De qualificação técnica a mestrado e doutorado:** o SENAI tem muito mais cursos do que você imagina! Brasília, 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/CtFMxJ>>. Acesso em: 29 maio 2016.

LUCCHESI, R. Educação profissional e a lição que os jovens ensinam ao Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo. 29 jul. 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (MEC). **Portal do PRONATEC**. Brasília, 2016 em: <<http://portal.mec.gov.br/Pronatec>>. Acesso em: 9 abr. 2016.

NASCIMENTO, P. Escassez de força de trabalho: uma revisão da literatura internacional e interpretação dos resultados empíricos referentes ao Brasil. In: M. P. P. de Oliveira; P. A. M. M. Nascimento; A. N. Maciente; L. A. Caruso; E. M. Schneider (Orgs.). **Rede de pesquisa formação e mercado de trabalho:** coletânea de artigos. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial. 2014. 1º ed., v. 1, p. 186–212.

NERI, M. **A educação profissional e você no mercado de trabalho**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2010.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Manual de capacitação e informação sobre gênero, raça, pobreza e emprego:** guia para o leitor. Brasília: OIT, 2005. Disponível em: <<http://www.oit.org.br/node/267>>. Acesso em: 9 abr. 2016.

RIOS-NETO, E. Questões emergentes na análise demográfica: o caso brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo, v. 22, n. 2, p. 371-408, jul./dez. 2005.

RODRIGUES, M. Formação de competências, governança e demografia no Brasil: a política de educação e formação profissional do Senai. In: M. P. P. de Oliveira; P. A. M. M. Nascimento; A. N. Maciente; L. A. Caruso; E. M. Schneider (Orgs.); **Rede de pesquisa formação e mercado de trabalho**: coletânea de artigos. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial, 2014. 1º ed., v. 1, p. 20–39.

SCHWARTZMAN, S. **A sociedade do conhecimento e a educação tecnológica**. Brasília: SENAI, jan. 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/5pR2YU>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI). **Metodologia Senai de educação profissional**. Brasília: SENAI, 2014.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI). **Pesquisa de caracterização do aluno 2015**. Curitiba: SENAI, 2016a. Relatório técnico de uso interno.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI). **Pesquisa de motivações e interesses**. Curitiba: SENAI, 2015. Relatório técnico de uso interno.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI). **Produção de matrículas**. Curitiba: SENAI, 20 mar. 2016b. Relatório técnico de uso interno.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). **Records of the general conference**: resolutions. Paris: UNESCO, 2015. V. 1, p. 151-156.